

PROPOSTA DA ÁREA DE ARTES PLÁSTICAS

ANUÁRIO

O ARTISTA BRASILEIRO VIVE OU PODE VIVER  
SÓ DE SUA PRODUÇÃO?

Em primeiro lugar, teríamos de considerar o que se entende por artista. Em segundo lugar, ~~em termos de obra~~, como vem auferindo-se o valor da obra para que se confira ao pintor essa definição: ARTISTA PLÁSTICO.

Vejo em nosso meio, tanto no primeiro como no segundo caso, grandes conflitos e inversões desses valores.

São consagrados pintores, ~~cuja produção não vai além do fazedor de quadros ou objetos, que atendem a uma determinada solicitação de mercado, trabalhos ~~estes~~ com todos os requintes de técnica e~~ *fazedores de quadros, artesanato, e* até inseridos numa ou outra tendência.

Vender quadros não é o problema.

Viver de determinada obra, é.

As raras excessões, não são suficientes para que se afirme que o artista viva de sua obra.

O artista continua sendo um operário sem carteira profissional de trabalho. Marginalizado em qualquer sociedade.

Volpi aos 60 anos de idade já era um artista consagrado, porém sua obra ainda não tinha mercado, e se tivesse morrido naquela idade não teria alcançado o sucesso do mercado que goza hoje.

Os raros colecionadores das obras de Volpi, antes dos anos 60, não foram suficientes para proporcionar-lhe uma sobrevivência *condigna, ao* contrário, foram suficientes para que Volpi tivesse a exata medida de sua condição de miséria e mesmo assim fazer a sua verdadeira opção:

entre ser um pintor de paredes para sobreviver e o pintor que queria ser. *é que é hoje.* Volpi fez a opção ciente de suas precárias condições de vida, para vencer o tempo e <sup>o</sup> meio, sem fazer concessões com sua obra.

Isto é ser artista na condição ~~de artista~~ que entendemos.

Hoje, aos 83 anos, Volpi é uma excessão. Vende toda sua produção e ainda o que <sup>esta</sup> ~~é~~ por produzir.

Os colecionadores dos tempos duros para Volpi, foram substituidos pelos investidores em arte.

Os primeiros colecionadores/apreciadores compravam obras. Os investidores compram Volpis.

Se por um lado Volpi não faz concessão alguma em seus trabalhos, por outro sua obra não evolui de 10 anos para cá.

Aos 83 anos teria <sup>ele</sup> essa obrigação?

O mercado consumidor permitiria? (Zanine)

Outros exemplos poderiam ser citados ~~que~~, os que se consagram <sup>na</sup> depois de mortos, e que não viveram de suas obras, embora não tenham <sup>morrido</sup> vivido com ela para sorte dos especuladores.

Portanto, viver da obra, fazer obra, são duas coisas irreconciliáveis.

A Cultura ainda é de graça e exige grandes sacrifícios de quem dela se ocupa, e viver dela ainda é perigoso.

A crítica espontânea vem desaparecendo e está sendo substituida por uma crítica de compromisso com as galerias, marchants, e investidores.

Hoje, o artista é divulgado através das galerias e estas vem recebendo maior apoio dos veículos de comunicação. Quer dizer: inverteram-se os papéis: o cultural pelo mercadológico.

Os eventos e a divulgação do artista ~~depois~~ são dirigidos para determinado fim e escopo.

Toda a estrutura que envolve o artista plástico está errada e é de comportamento gratuito <sup>de</sup> de mesenato, erros de tradição e de comportamento já importados, a começar pela competição dos salões e bienais que deveriam incentivar a produção do artista plástico por outros meios que não os vigentes.

Os salões, bienais e outros eventos se transformaram em arena de competição prestando-se assim a explorações outras, que não os de objetivo cultural.

Que soluções deve esperar o artista que a tudo isso se presta e se expõe, desarmado que é pela sua vocação, <sup>?</sup> ~~que não lhe permite uma sobrevivência condigna?~~

Sem a ~~uma~~ marginalização do artista não existiriam <sup>o</sup> mescenas <sup>to</sup> e é assim desde os tempos dos Borgias.

? ? A arte enquanto considerada como talento individual e genialidade do homem, será sempre assim em qualquer sociedade.

? A arte ~~da~~ mundo atual está inserida no cotidiano e, na produção industrial, mas não é considerada arte porque é coletiva.

? Quando o Estado se insurge como mescenas da arte, também não resolve o problema da vivência do artista.

Assim, o artista está sempre no impasse, sua obra está sempre sujeita a considerações e interpretações, cujos parâmetros se desconhece para conferir-lhe uma situação verdadeira.

O artista não tem saída em sociedade alguma, se pretender a segurança de vivência com sua obra: ou perece sua obra ou perece êle.

A escolha deve ser consciente.

O artista só é livre para sua criação se souber neutralizar as injuções de mercado, independente de qualquer resultado; sobrevivencia ou sargeta.

Instituto de arte contemporânea